

AOS BACHARÉIS EM DIREITO

Irapuá Costa Júnior**

Prezados Formandos da turma Jalles Perillo:

É esta noite, estou certo, para todos vós, como também o é para nós desta mesa, uma trégua numa época de preocupações, um oásis num deserto de dificuldades, uma paz que é, no dizer de Nietzsche, apenas o intervalo entre duas guerras. É que aqui se vive a justa alegria do dever cumprido e da meta alcançada, mas lá fora gritam as enchentes do sul, a seca do nordeste e o que é pior, a calamidade que vem da própria mente dos homens e que se abate por todo o Brasil, a situação econômica em que nos encontramos.

Dívida externa, recessão, inflação, desemprego são as palavras mais em voga no linguajar brasileiro, como negros fantasmas que a todos assustam e se materializam em ações concretas. Endividam as empresas e as levam à insolvência; dificultam a ação dos Governos; roubam a cada mês boa parte do salário dos trabalhadores; tomam o emprego a estes mesmos trabalhadores e os levam ao desespero; frustram o sonho de muitos que tendo uma profissão não conseguem trabalho — e quanta coisa mais não fazem!

Entre os homens da oposição no Brasil, hoje, existe uma cunha que nos divide em duas correntes:

Uma, a que deseja que a solução dos problemas brasileiros passe por um banho de sangue — que o principal é o castigo rigoroso dos responsáveis pela situação do país para só então buscarmos um sistema de Governo de inspiração no mínimo socialista, onde teríamos a nos guiar experiências antigas ou recentes de movimentos ditos populares, da Europa ou da Ásia. Querem seus integrantes uma intervenção cada vez maior do Estado na Economia, e em Goiás já se açodam para as eleições futuras, sem se sensibilizar com os percalços que enfrenta o Governador Íris Rezende para juntar os peda-

* *Palavras proferidas na solenidade de Colação de Grau dos Bacharéis da Faculdade de Direito da UFG em 09.08.1983.*

** *Engenheiro, Deputado Federal pelo Estado de Goiás.*

ços de um Estado, recomendando-o para que se faça de inteiro após uma administração devastadora, lutando contra os bloqueios de verbas, dívidas, excesso de funcionalismo, arrecadação insuficiente e tantos problemas, mas ainda assim sem perder a fé no futuro do Estado, tomando as medidas que precisam ser tomadas.

Outra corrente, à qual pertença, por não terem seus homens formação materialista, defende que a responsabilidade deve ser cobrada de cada homem público, mas não pelo sangue e sim pela plena justiça, que se consegue pela plena democracia; defende que o país é grande, pobre e tem pressa e não pode ser arrazado sob o pretexto de que é preciso começar de novo; defende que não aceitamos ingerência de multinacionais e que é recessiva e drástica a política ditada pelo FMI, além de alienígena, mas que dá no mesmo substituí-la pela tutela do comunismo russo ou chinês. Não acreditamos também que a super industrializada França do socialista Mitterand venha um dia nos tratar melhor do que nos tratam os Estados Unidos de Reagan.

Convençamo-nos de uma vez por todas de que os amigos do Brasil são os brasileiros, que nosso futuro cabe a nós construí-lo e que no mundo atribulado de hoje a solidariedade entre nações é cada vez menos tema até para discursos de abertura de acontecimentos internacionais.

Não! Não queremos um Brasil socialista: queremos um Brasil democrático.

Não queremos os arremedos de “tribunais do povo” — se os quiséssemos não estaríamos aqui a parafusar advogados, que entre os profissionais liberais têm dado exemplo de resistência à supressão da democracia em vários pontos do mundo. Queremos justiça efetiva e leis justas.

Não queremos ódios e perseguições — temos exemplos recentes de que o ódio não traz consigo sequer uma partícula de construção ou soerguimento.

Queremos esperanças e trabalho, pois o sofrido povo brasileiro espera apenas uma fagulha de esperança para o trabalho de construir para uma família condições melhores de vida.

Não queremos a guerra civil — pregá-la é lançar o brasileiro contra o brasileiro.

Queremos todos juntos erguendo as pedras da construção nacional. Não queremos o fuzil contra o fuzil mas a ferramenta ao lado da ferramenta.

Não queremos tomar do que tem para contemplar a quem não tem.

Queremos dar, ao que não tem, condições para que conquiste e, conquistando, valorize o que é seu e o que é dos outros.

Não queremos uma economia estatizada, pois já bastam os males que a semi-estatização nos trás, com os privilégios, os gastos, déficit e mordomias das estatais, criadores de uma conta, cuja semelhança com os privilegiados da célebre “Nomenklatura” russa originou há dias uma série de reportagens em um periódico paulista com o título de República Socialista Soviética do Brasil.

Queremos um Brasil brasileiro, pois somos únicos. Queremos a paz a fraternidade e o trabalho. Queremos o futuro!